



A COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA COMO CONVITE À PRESENÇA DO CLIENTE

Hívina Rodrigues Martins

Discente do curso de Psicologia do UNIVAG – Campus Cuiabá.
rodrigueshivina@gmail.com

Patrícia Mara da Silva Gomes

Discente do curso de Psicologia do UNIVAG – Campus Cuiabá.
patriciamara1406@gmail.com

Sônia Regina Romancini

Discente do curso de Psicologia do UNIVAG – Campus Cuiabá.
soniaromancini2@gmail.com

Juliana Batista Fitaroni

Docente do Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG.
juliana.fitaron@univag.edu.br

RESUMO

Este resumo expandido tem como objetivo refletir sobre a importância da comunicação no processo psicoterapêutico desenvolvido na Clínica-Escola do UNIVAG, sob a perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). A partir da vivência no componente curricular “Estágio Supervisionado Específico I: Políticas de Saúde”, observou-se que a comunicação empática, autêntica e acolhedora constitui um elemento essencial para que o cliente se sinta valorizado, escutado e, sobretudo, presente em seu próprio processo terapêutico. O espaço clínico, nesse contexto, configura-se como um lugar de expressão, validação e reconhecimento das experiências subjetivas, favorecendo o fortalecimento do vínculo terapêutico. O propósito deste trabalho é evidenciar como a comunicação, quando mediada pelas atitudes facilitadoras propostas pela ACP — empatia, congruência e consideração positiva incondicional —, contribui para a criação de um ambiente relacional genuíno, capaz de ativar a presença do cliente. Tal ambiente propicia ao indivíduo segurança suficiente para acessar e expressar aspectos profundos de sua vivência, elemento fundamental para que ocorra a mudança terapêutica. A escolha do tema “comunicação interpessoal” decorre da frequência com que esse aspecto se apresentou nos atendimentos realizados. A fundamentação teórica deste trabalho apoia-se na obra *Psicoterapia e Relações Humanas: Teoria e Prática da Terapia Não-Diretiva*, de Carl Rogers e G. Marian Kinget (1977), na qual os autores descrevem os princípios da psicoterapia centrada na pessoa e ressaltam a relevância da comunicação verdadeira como instrumento terapêutico. Para que haja comunicação efetiva, é necessário que exista congruência entre a experiência vivida, sua percepção interna e sua expressão externa. Quando o cliente se sente genuinamente compreendido pelo psicoterapeuta, essa experiência satisfaz sua necessidade de consideração positiva e fortalece o vínculo terapêutico. Na ACP, a comunicação terapêutica ultrapassa o simples intercâmbio verbal: trata-se de um processo relacional profundo, que depende da postura interna do terapeuta. A escuta empática permite ao profissional compreender o mundo do cliente a partir da perspectiva deste, sem julgamentos ou interpretações precipitadas. A congruência assegura que o terapeuta se apresente de forma autêntica na relação, expressando-se com veracidade. Já a consideração positiva incondicional implica aceitar o cliente como ele é, valorizando sua existência e experiências, sem impor



condições para essa aceitação. Essas três atitudes facilitadoras tornam a comunicação entre cliente e terapeuta mais fluida, significativa e potencialmente transformadora. O estágio foi desenvolvido na Clínica-Escola do UNIVAG, campus Cuiabá, com atendimentos individuais orientados pela ACP. Inicialmente, realizou-se o acolhimento dos clientes por meio de entrevistas não estruturadas, respeitando o tempo e o modo de expressão de cada pessoa atendida. A escuta ativa foi adotada como principal instrumento para a construção do vínculo terapêutico, permitindo ao cliente liberdade para trazer suas demandas espontaneamente. Durante os atendimentos, observou-se que a postura não diretiva e a presença atenta da terapeuta gera nos clientes a sensação de confiança e abertura. Em vez de conduzir o discurso, a terapeuta buscava acompanhar a experiência do cliente com empatia e respeito, promovendo um espaço de escuta no qual o outro pudesse, de fato, sentir-se escutado. Essa forma de comunicação, baseada na escuta e na consideração positiva incondicional, favoreceu momentos de expressão emocional em que os clientes se conectaram com suas dores, angústias e também com seus potenciais de organização emocional e crescimento pessoal. Houve, ainda, situações em que a ausência de julgamentos, aliada à presença empática, permitiu ao cliente reconectar-se consigo mesmo de forma mais íntegra, sentindo-se ouvido e acolhido em uma relação marcada pela disponibilidade afetiva e relacional. À medida que se sentiam compreendidos, os clientes demonstravam maior envolvimento com o processo terapêutico, evidenciando desejo de compreender suas experiências e de atribuir-lhes novos significados. A comunicação interpessoal, nesse contexto, revelou-se não apenas como troca de palavras, mas como uma ponte para o encontro entre terapeuta e cliente — um encontro capaz de ativar a presença consciente e reflexiva do sujeito em seu processo de mudança, promovendo autonomia emocional e atitude reflexiva. A experiência clínica também proporcionou reflexões sobre os desafios da comunicação terapêutica, especialmente quando o terapeuta em formação ainda está em processo de construção de segurança na prática clínica. Muitas vezes, o silêncio, a dúvida ou o receio de errar surgem como obstáculos; entretanto, a ACP ensina que estar presente, mesmo sem respostas prontas, já constitui uma forma poderosa de comunicação. O mais importante é manter-se disponível, buscando ser congruente e respeitosa empática, reconhecendo a singularidade da experiência do outro. Nesse sentido, ressalta-se a importância do processo formativo do psicoterapeuta. A construção de uma escuta sensível e de uma presença terapêutica qualificada requer tempo, reflexão e suporte. A supervisão clínica desempenha papel essencial nesse percurso, funcionando como espaço de elaboração das experiências vividas, acolhimento das inseguranças e fortalecimento da postura ética e relacional do futuro profissional. É na supervisão que o estudante encontra apoio para sustentar sua escuta diante do sofrimento do outro, desenvolver recursos internos para lidar com os desafios do atendimento clínico e cultivar, em si, as atitudes facilitadoras da ACP. Assim, a formação ética, teórica e experiencial do psicoterapeuta é determinante para que ele possa oferecer relações de ajuda genuínas, sustentadas pela presença, empatia e autenticidade. A comunicação terapêutica, quando orientada pelas atitudes facilitadoras da ACP, constitui-se como elemento central do cuidado psicológico eficaz e de uma relação de qualidade. No contexto da Clínica-Escola, esse aspecto revelou-se ainda mais relevante por contribuir para a construção de vínculos terapêuticos baseados na confiança, no respeito e na valorização do outro. A ativação da presença do cliente por meio da comunicação genuína mostra-se como um dos principais indicativos da efetividade da relação psicoterapêutica. A experiência do estágio proporcionou uma vivência concreta da teoria humanista, fortalecendo a compreensão de que o processo psicoterapêutico se constroi, acima de tudo, na relação entre duas pessoas dispostas a se encontrar com autenticidade — e que esse encontro exige formação sensível e suporte contínuo.

Palavras-chave: Comunicação Terapêutica; Abordagem Centrada na Pessoa; Psicoterapia; Psicologia Humanista; Estágio Supervisionado.



REFERÊNCIA

ROGERS, Carl R.; KINGET, G. Marian. **Psicoterapia e Relações Humanas: Teoria e Prática da Terapia Não-Diretiva**. Tradução de Maria Luisa Bizzotto. 2. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.